

O PRESIDENTE REAGE

Sarney: "Presto serviço a Ulysses"

MAGNO MARTINS
Especial para o CORREIO

— O Sr. fez um desabafo em Xingó, dando a impressão de que seria o contra-ataque aos inimigos do seu Governo. Faz parte dos planos do Sr., nesta reta final, mudar a linha de discurso para mostrar que os erros não podem ser atribuídos apenas ao presidente da República?

— Ao longo do meu Governo, sempre defendi que a função de governar e administrar os problemas mais graves que o País enfrenta, como a questão da inflação — o grande desafio da transição e que até hoje nos inquieta — não é somente do Presidente. Ela é de todos nós, e toda as vezes que se toma uma decisão, para que tenha consequências e possa se desdobrar, precisa de apoio, que muitas vezes não foi dado nem sendo dado.

— O Sr. está se referindo ao Congresso Nacional?

— Faço referências a todos os segmentos políticos partidários que assumiram a responsabilidade pela transição — dos parlamentares aos governadores.

— Qual foi o momento em que o Sr. mais esperava ter o apoio que tanto reclama e se viu frustrado pela falta de solidariedade dos políticos?

— Eu teria muitos exemplos, mas gostaria de ficar restrito ao que até hoje se reflete mais diretamente nas consequências provocadas pela inflação: o pagamento dos juros da dívida externa. Quando tomei a decisão de fazer opção pela moratória, não tive o apoio de ninguém. Quem saiu em defesa da questão? Ninguém. Portanto, foi e continua sendo difícil governar sem apoios.

— A posição do Sr. é muito clara, mas, na realidade, a imagem do Governo vai mal. O Sr. acha que colocando nitidamente esses pontos para a opinião pública ainda terá tempo para recuperar o prestígio?

— Nunca procurei ter uma preocupação com a imagem. Sempre tive a

"Quando fiz a opção pela moratória dos juros da dívida, eu não recebi o apoio de ninguém. Quem me apoiou? Portanto, é difícil governar sem ter esses apoios".

preocupação com a História. Eu sou um intelectual, um homem que sempre tem lido História dos povos e do Brasil. Ninguém nunca, no mundo, ficou lembrado por obras, por mais que tenha feito no que diz respeito ao exemplo material, mas sim pelo que pôde construir no que significa um avanço, um passo à frente da história da humanidade. Você, por exemplo, não sabe quem construiu a via Veneto, em Roma, mas sabe que Abraham Lincoln tem o fundamento da democracia — o governo do povo, para o povo e pelo povo.

— Quais os planos do Sr. para o futuro? O Sr. pensa, por exemplo, em escrever um livro de memórias?

— Vou publicar alguns livros. Logo que deixar o Governo, irei lançar o primeiro. Trata-se de um compêndio sobre minha vida pública, abordando desde detalhes de minha juventude, quando já pensava em ser político, até o desfecho da Presidência da República. O relato terminará exatamente no dia que assumi o comando do País.

— É pensamento do Sr. revelar neste livro os segredos de Estado?

"Tenho um grande apreço pelo dr. Ulysses. Acho, inclusive, que ele prestou um grande serviço ao País, mas se ele achar que atacar a mim e ao meu governo serve a sua candidatura, isso passa a ser mais um serviço que estou prestando a ele". O desabafo é do presidente José Sarney, numa entrevista exclusiva ao Diário de Pernambuco que o CORREIO BRAZILIENSE também publica hoje. Ressaltando que nunca teve problemas ao longo do seu governo com o candidato do PMDB, Sarney fez elogios ao comportamento do governador Miguel Arraes — que recentemente criticou Ulysses — e afirmou: "Costumo julgar os políticos pelos fatos". O Presidente da República revelou que, quando deixou o Planalto, pretende escrever um livro sobre sua vida no cenário da política nacional. E prometeu: "Não abrirei ime-

JULIO FERNANDES



Sarney diz que reconhece papel de Ulysses e julga os políticos pelos atos

diatamente feridas contra ninguém".

— Tenho pensado muito sobre os efeitos que o livro poderá provocar, mas acho que não devo abrir feridas imediatamente, porque acima de tudo está o espírito público e isso, graças a Deus, eu tenho e até hoje preservo. Não quero, de maneira alguma, conferir posições por ninguém neste País.

— O Sr. voltará a se dedicar à atividade literária?

— Como falei anteriormente, publicarei vários livros. Um outro, que já está esboçado com muita documentação, trata especificamente das ações de Governo. Mas, tenho outras idéias, como a de um livro sobre política externa brasileira, especialmente sobre a América Latina, relatando a minha experiência internacional, a convivência com os homens que também governaram conjuntamente comigo. Enfim, vou ter uma oportunidade, com a experiência que adquiri na Presidência, de dar respaldo a minha vocação literária.

— E da política, o Sr. vai se afastar?

— Já decidi que não me afastarei da atividade política. Pretendo dar uma

diatamente feridas contra ninguém".

Sarney confessa que não se afastará da atividade política, mas não deixou claro se pretende disputar um mandato eletivo já nas eleições de 1990. "Pretendo dar uma contribuição ao País com aquilo que acumulei em termos de experiência na Presidência da República", observou. O fenômeno Collor de Mello não preocupa o chefe da Nação. Para ele, trata-se de um episódio natural do processo político.

Na última quinta-feira, depois de uma verdadeira maratona pelos estados de Alagoas e Sergipe, numa programação que começou ao raiar do dia em Brasília e se estendeu até às 23h, demonstrando muita disposição, o Presidente da República concedeu a seguinte entrevista, a bordo do jato presidencial:

serviço que estou prestando a ele.

— Dr. Ulysses sempre teve o que quis do seu Governo?

— Nunca tive problemas ao longo de toda a trajetória deste Governo de transição. Pelo contrário, sempre tive um grande respeito por ele e demonstrei isso ao longo do meu Governo. Dei-lhe sempre a maior atenção possível.

— O Sr. parece não ser um homem de guardar mágoas. O governador de Pernambuco, por exemplo, foi um dos mais contundentes críticos do seu Governo, mas hoje observamos que ele tenta uma reaproximação com o Planalto, aceitando participar de atos do Governo e até saindo em defesa do Sr., quando afirmou que o Presidente não poderia ser o bode expiatório e que o PMDB deveria assumir sua responsabilidade como co-participante do Governo. Isso influenciou o Sr. a fumar o cachimbo da paz com Arraes?

— A atividade política sempre leva à exacerbação pessoal e eu acho que Deus foi tão generoso comigo que não posso ser menor, julgando ou medindo palavras de qualquer pessoa que

"Tenho grande apreço pelo Dr. Ulysses, que prestou grande serviço ao País. Mas se atacar meu Governo, isso passa a ser mais um serviço que estou prestando a ele".

seja. Volto a afirmar o que já disse antes: costume julgar as pessoas pelos fatos.

— E pelos fatos, como o Sr. julgaria Arraes?

— Posso julgar que o governador é uma figura importante na vida e na história do Nordeste. Teve uma posição destacada e até hoje mantém essa posição. É um homem altivo e honrado. Portanto, a gente deve ter respeito por ele. Aliás, devo dizer que ele sempre teve respeito por mim, com todas as críticas que fez.

— Como o Sr. está observando o fenômeno Collor de Mello?

— Com absoluta naturalidade do processo político.

— Em Xingó, durante pronunciamento, o Sr. surpreendeu muita gente, fazendo elogios ao pai de Fernando Collor, o ex-senador Arnon de Mello. É difícil aceitar ver hoje na cena nacional um filho de um grande amigo do Sr. ter optado pelos ataques ao Governo como bandeira da campanha presidencial?

— As novas gerações não têm o dever de herdar nem as amizades e nem as inimizades dos seus pais.

— Mas novas medidas econômicas são prenúncio de um novo choque heterodoxo na economia?

— Não há intenção de nossa parte tomar qualquer medida nesse sentido até o final do Governo.

— E o caso Naji Nahas. Que efeitos ele pode provocar ainda no mercado financeiro?

— O caso da Bolsa de Valores é uma demonstração do quanto as responsabilidades não são apenas do Governo; que muitos que pregam procedimentos éticos, não têm esses procedimentos.

contribuição ao País com aquilo que acumulei ao longo da Presidência da República. Quero ajudar o Brasil com críticas construtivas. Quero ter participação no cenário da política nacional, mas não tenho planos de voltar a disputar um mandato eletivo. Pelo menos por enquanto.

— O Sr. pretende no livro revelar os traidores do seu Governo?

— Problemas de traição são de ordem muito pessoal. Acho que, por exemplo, no meu livro, a questão da traição não é construtiva.

Tenho que construir para as novas gerações uma sinalização marcante sobre idéias, pontos de vista, erros e acertos. As pessoas entram como coisas secundárias. Os fatos são mais importantes.

— E o episódio Ulysses/Sarney acabou ou o Sr. ainda vai revelar mais coisas sobre a participação do candidato do PMDB no Governo?

— Tenho um grande apreço pelo Dr. Ulysses Guimarães. Acho, inclusive, que ele prestou um grande serviço ao País, mas se ele achar que atacar a mim e ao meu Governo serve à sua candidatura, isso passa a ser mais um